

# EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ANÁLISE SOBRE A INTEGRAÇÃO DOS CAMPOS DISCURSIVOS “EDUCAÇÃO BÁSICA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL”

*Hasla de Paula Pacheco*

*Orientadora: Maria Del Carmen Daher*

Doutoranda

RESUMO: Tendo em vista as problematizações e concepções em disputa sobre as formas de atendimento à educação básica e profissionalizante da classe trabalhadora no Brasil, este trabalho apresenta o andamento da pesquisa de doutorado que tem como objetivo analisar, a partir da perspectiva ergológica-discursiva, como os discursos no campo do direito à educação e à qualificação profissional continuada dos estudantes trabalhadores (não) se articulam nos projetos de extensão de instituições públicas de ensino superior. No Campo Discursivo Educacional nos deparamos com posicionamentos enunciativos distintos e adversários, assim, nossa hipótese é de que, no que se refere ao contexto de oferta de cursos de qualificação profissional pelas universidades por meio de projetos extensionistas, há poucos elementos que mobilizam a reflexão acerca da possibilidade de constituição de uma educação de perspectiva emancipatória (FREIRE,1979) e da perspectiva da ergoformação (TRINQUENT,2010). Para desenvolver a tese, elegemos as abordagens teórico-metodológica da Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 2008; 2010; 2013) e da Ergologia (SCHWARTZ,2002;2011), envolvendo a análise da materialidade discursiva organizada a partir da confrontação dos projetos de extensão; e seus documentos relacionados; e os marcos regulatórios da educação profissional. Nesse sentido, *os corpora* de análise serão os seguintes projetos extensionistas: “Programas de Estudos em Engenharia, Sociedade e Tecnologia” (PROGEST-CEFET/MG) e o “Programa de qualificação de mão de obra” (CIPMOI/UFMG) que oferecem cursos de qualificação continuada a trabalhadores do canteiro da construção civil. Dessa forma, a aspiração não é ficar na análise de forma/conteúdo pelas quais esses projetos se apresentam, mas verificar como as lutas discursivas no campo teórico sobre a educação de trabalhadores e seus posicionamentos se refletem na materialização do reconhecimento dos projetos de

---

extensão para além da função acadêmica integrado ao currículo, mas também, da possibilidade de construção de um dispositivo capaz de proporcionar integração entre a educação emancipadora e a qualificação dos estudantes trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: educação de trabalhadores; projetos de extensão; campos discursivos; Análise de discurso.

## **Introdução**

Tendo em vista as problematizações e concepções em disputa sobre as formas de atendimento à educação básica e profissionalizante da classe trabalhadora no Brasil, este trabalho apresenta o andamento da pesquisa de doutorado incorporada a Linha de Pesquisa Teoria do Texto, do Discurso e da Interação do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), fruto da parceria no Programa de Doutorado Interinstitucional entre a Capes, UFF e o Instituto Federal do Sudeste/MG (IFSUDESTE). A presente pesquisa tem como objetivo analisar, a partir da perspectiva ergológica-discursiva, como os discursos no campo do direito à educação e à qualificação profissional continuada dos estudantes trabalhadores (não) se articulam nos projetos de extensão de instituições públicas de ensino superior. Para tanto, o artigo analisa, em caráter introdutório e de forma geral, algumas categorias de Maingueneau que comporão o quadro teórico da pesquisa, a saber: *unidades tópicas; unidades não-tópicas., comunidades discursivas, práticas discursivas e interdiscurso (Campo discursivo, universo e espaço discursivo)*. Temos como ponto de partida a apresentação das concepções, que mobilizam a pesquisadora a fazer pesquisa, por meio das reflexões de Boaventura Sousa Santos sobre a necessidade de mudanças nos paradigmas da pesquisa social. Em seguida, a composição das seções que vão tratar dos conceitos de linguagem, a contextualização da Análise de Discurso(AD), e depois as contribuições de Maingueneau. E na seção “à título de síntese” uma primeira busca por sintetizar e justificar a pesquisa a partir do enfoque sobre a compreensão das questões sociais e históricas da humanidade via análise da linguagem através da interface com outros domínios ou campos de investigação como trabalho e educação.

## **O que me mobiliza?**

---

Para fazer frente aos desafios postos no campo educacional quanto à superação das desigualdades, interessam-me no mundo acadêmico as discussões que venham ou tenham a pretensão de inserir-se no paradigma da lei do movimento que transforma a sociedade, como algo em devir, ou seja, o vir a ser (Deleuze e Guatarri, 1997)<sup>1</sup>. Dessa forma, acredito que os estudos científicos voltados ao reconhecimento do sujeito mutável, o vir a ser, inserido em um determinado cenário social e histórico, sendo perpassado pelas condições sociais, culturais, econômicas e políticas (Deleuze e Guatarri, 1997), pode ser um caminho interessante para se pensar os sujeitos trabalhadores operários, sociais e históricos em nossa sociedade contemporânea e bem como, as ações institucionais voltadas a uma possível transformação dessa sociedade. Para tanto, é importante tentar proporcionar um debate profícuo sobre o uso do que temos como convencional, padrão, estabelecido para pensar outros tempos, valores e ações de emancipação na e para a sociedade verdadeiramente justa. (Santos, 2007)

Nesse princípio de desenvolver investigações e estudos no entendimento que não há produções de saberes com e na neutralidade e que precisamos aliar as experiências sociais que são construídas por diversos conhecimentos, valho-me das discussões de Boaventura Souza Santos, em seus diversos textos, mas especificamente situo-me no “A Sociologia das Ausências e a sociologia das emergências: para uma ecologia de saberes” para pensar quais são as leituras que embasam minhas reflexões na presente pesquisa.

Tendo em vista a abordagem teórica de Santos e suas contribuições relevantes no âmbito do campo das transformações sociais e educacional, encontramos um ponto balizar para nossas discussões sobre Linguagem, Educação e Trabalho em uma perspectiva da pesquisa voltada às reflexões sobre as sociologias das emergências. Segundo Rocha e Daher (2005, p.136) “o desafio que se coloca é o de construir uma concepção de social que não se defina nem em consonância com o modelo hegemônico das ciências exatas, nem que a ele se oponha como seu contrário. Em outras palavras, não mais bastará dizer que o viés que propomos para caracterizar o trabalho da linguística aplicada é o da ênfase no social.”

Para Santos (2007) é preciso reinventar a emancipação social, e diante disso ele propõe um trabalho de reflexão a partir de três dimensões “epistemológica, teórica e

---

<sup>1</sup> Para saber mais o conceito de Devir ver DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997. Platôs”.

---

política”<sup>2</sup>. Não cabe neste texto nos delongarmos sobre essa organização, mas demarcar os princípios e concepções que norteiam minha trajetória acadêmica, política e social que explicam minhas escolhas e temas de discussão. Dessa forma, vejo em Boaventura uma forma de pesquisar que é realmente engajado no debate teórico e ético com as lutas sociais.

Explica Santos (2007) que para uma articulação teórico-prática da investigação é preciso desenvolver um projeto fora dos grandes centros hegemônicos

então me pareceu que, provavelmente, o mais preocupante no mundo de hoje é que tanto experiência social fique desperdiçada, porque ocorre em lugares remotos. Experiências muito locais, não muito conhecidas nem legitimadas pelas ciências sociais hegemônicas, são hostilizadas pelos meios de comunicação social, e por isso têm permanecido invisíveis, “desacreditadas”. A meu ver, o primeiro desafio é enfrentar esse desperdício de experiências sociais que é o mundo; e temos algumas teorias que nos dizem não haver alternativa, quando na realidade há muitas alternativas. (SANTOS, 2007, p.23-24)

Assim, por um lado, segundo Santos (2007) temos uma razão indolente<sup>3</sup> que se considera única, que não procura ir além dos seus limites, e por outro a esse crítica, há a necessidade de se pensar fora da totalidade; pensar uma ecologia de saberes<sup>4</sup> mais ampla.

Com efeito, segundo Santos (2007, p. 38) “a razão que é enfrentada pela Sociologia das Ausências torna presentes experiências disponíveis, mas que estão produzidas como ausentes e é necessário fazer presentes. A Sociologia das Emergências produz experiências possíveis, que não estão dadas porque não existem alternativas para isso, mas são possíveis e já existem como emergência”.

Somando-se a isso, é premissa de investigações de âmbito social e histórico, onde se considerar os aspectos da *resistência* e combate *social* por meio do discurso, diante das condições sociais se contrapondo à noção estagnação, dominação.

---

2 Essas discussões estão postas no livro Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.

3 Esse termo é cunhado por Boaventura Souza Santos referindo-se a reflexão sobre a construção de uma teoria crítica. Para esse autor a teoria crítica se constrói por meio do reconhecimento de saberes distintos, reconhecimento das diferentes vozes, fazendo uma travessia, transpondo-se dos obstáculos e diferenças impostos pelas ideias de tradição na pesquisa. SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

4 A noção de ecologia de saberes é desenvolvida por Boaventura Souza Santos “afirmando que o importante não é ver como o conhecimento representa o real, mas conhecer o que determinado conhecimento produz na realidade, a intervenção no real” (SANTOS, 2007, p. 33)

---

Entretanto, são diversas as interfaces teóricas que podem ser usadas a partir da concepção discursiva, as investigações que se inserem no campo da ciência da linguagem, pensando o que ela transforma, torna-se, e também, influenciando o que fazemos de nós e da realidade que nos circunda discursivamente.

Nessa perspectiva, Santos (2007, p.55) nos ampara quando em suas palavras aponta dos problemas teóricos o *silenciosa e o da diferença*.

Quando queremos tentar o novo discurso ou teoria intercultural, enfrentamos um problema: há nos oprimidos aspirações que não são proferíveis, porque foram consideradas improferíveis depois de século de opressão. O diálogo não é possível simplesmente porque as pessoas não sabem dizer: não porque não tenham o que dizer, mas porque suas aspirações são improferíveis. E o dilema é como fazer o silêncio falar por meio de linguagens, de racionalidades que não são as mesmas que produziram o silêncio no primeiro momento. Esse é um dos desafios mais fortes que temos: como fazer o silêncio falar de uma maneira que produza autonomia e não a reprodução do silenciamento. (SANTOS, 2007, p.55)

Em suma, esse artigo consiste em pensar as categorias discursivas ancoradas em Maingueneau, de forma a pensar em minha tese como os discursos postos nos projetos de extensão universitária se envolvem com o direito à educação e à qualificação profissional dos trabalhadores por um viés da análise discursivo-enunciativa. Pensar quais transformações vêm acontecendo, no campo do discurso de democratização ao acesso à educação, do discurso da educação libertadora e de qualidade social, bem como inclusiva, movimentando essa temática a partir dos pensamentos teóricos da análise do discurso proposta pelo referido autor. A saber, a tese terá como corpora de análise os textos dos projetos extensionista, editais e documentos da extensão de duas instituições federais de ensino de Minas Gerais.

### **A linguagem e sua interface interdisciplinar com o campo educacional e do trabalho**

Como esse artigo ancora-se na teoria da Análise de Discurso, promovendo reflexão sobre certas categorias de análise de Maingueneau, acredita-se que esse texto ajudará a compor os textos de análise de minha pesquisa de doutorando, onde apontará ao longo de suas discussões como o discurso, tomado a partir dos parâmetros da ciência da linguagem, pode visibilizar o acesso ao direito à educação e, por consequência, as

---

formas de formação e qualificação profissional dos trabalhadores de baixa renda. Percebo que os cursos voltados ao atendimento do trabalhador constituem-se em um locus importante de investigação tanto no ponto de vista da emergência de processos de (des) legitimação social dos discursos dos sujeitos envolvidos como também das possibilidades de mudanças desses atores em contexto social específicos. Pretendemos por meio dessa pesquisa uma reflexão sobre a negação do direito à educação à qualificação profissional àqueles que vivem do trabalho<sup>5</sup>.

Dessa maneira, nos deparamos com questões que são iminentes desse processo de relevância acadêmica para contribuição social. Por que pensar a linguagem no campo da ciências sociais e humanas? Qual a importância em estabelecer uma aproximação teórico-metodológica entre o campo da linguagem/análise de discurso e a formação de trabalhadores estudantes de classe desfavorecidas? Como o estudo do objeto discurso pode ser feito diante do *corpus* ligados aos projetos de extensão universitários?

Essas são algumas das perguntas, claro que não se esgotam, mas para sistematizar a referida pesquisa, vamos nos basear para construção de nossas análises de discursiva.

Uma primeira constatação diz respeito ao tratamento da linguagem, aqui voltado à sua essência social, e ainda pensando no discurso também, diante de um estudo da linguagem em relações sociais.

Como linguagem Brandão (2003, p.2) entende que “A linguagem é uma atividade exercida entre falantes: entre aquele que fala e aquele que ouve, entre aquele que escreve e aquele que lê. A linguagem é um trabalho desenvolvido pelo homem – só o homem tem a capacidade de se expressar pela linguagem verbal.”.

O caminho que percorro agora nessa seção, é expor, de forma geral, as características das principais concepções, a saber: 1) a língua como atividade mental, expressão do pensamento, 2) a língua como uma estrutura, e 3) a língua como atividade social. A discussão dessas concepções, de forma geral, é importante para contextualizar e referendar o posicionamento em relação à linguagem, como atividade humana e que se efetiva nas interações sociais e em suas práticas discursivas.

Na primeira visão que concebe a linguagem como uma expressão do pensamento, percebo que Soares (1998) esclarece que o contexto comunicativo não é levado em consideração, nas na análise não influencia a linguagem. A língua é

<sup>5</sup> Em nossa pesquisa vamos nos ater aos cursos oferecidos aos operários de canteiros de obras da construção civil.

---

entendida como homogênea e estática, pois, o sujeito e a situação comunicativa não são considerados em sua produção.

No tocante à segunda concepção de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é vista de acordo com Geraldi (1997, p.128) apud Amorim e Ohushi “como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, próprias do sistema linguístico. Regras que permitem ao usuário da língua transmitir uma determinada mensagem ao seu receptor, como o qual partilha dos mesmos signos linguísticos”. Segundo Soares (1998) essa concepção era entendida como um ensino voltado exclusivamente ao estudo do sistema linguístico.

Na terceira concepção, onde a linguagem é tida como meio de interação, a linguagem aparece como uma atividade de interação humana, um estudo que envolve a fala, a escrita de uma situação comunicativa inscritas em um contexto sócio histórico. Esse é um pressuposto contemporâneo sobre a língua que começa a influenciar os estudos e pesquisas e ensino sobre a linguagem.

As discussões elementares trabalhadas nesse item se valem da necessidade de situar e contextualizar as concepções que induzem o trabalho investigativo. Trabalho esse que envolve princípios caros às áreas da linguagem, educação e trabalho. Sempre com a primícia de envolver as contribuições advindas da perspectiva interdisciplinar. Outrossim, servindo para nortear nossas leituras e reflexões sobre o corpus de análise de discurso. Para Gregolin (2006, p. 40), Pecheux e Bakhtin têm dois pontos que os aproximam, a saber: a concordância de que “a língua é um sistema, e, portanto, tem uma organização que já prevê a possibilidade dos deslizamentos e 2 a língua é uma instituição social.”

### **Análise do Discurso: um breve histórico**

Essa seção traz à discussão o lugar histórico e alguns elementos constitutivos da história da Análise do discurso (AD), distribuído a partir de diversos focos de atuação no estudo de linguagem e sua interpelação com as condições de produção. Levantamento descritivo-analítico que contribui para a interlocução interdisciplinar no diálogo da linguagem com as questões sociais.

A AD nasceu essencialmente na França nos anos 60, diante de um contexto histórico de conflitos/crises no cenário local e internacional. Diante dessa (re)construção

---

de conhecimento e tensões políticas, percebemos que houve no campo dos estudos da linguagem influência do pensamento voltado ao princípio da língua como constituinte de um processo histórico e tendo como base, objeto de estudo o efeito de sentido no texto. O estudo avança para além dos limites do texto, partindo para o estudo também dos fenômenos extralinguísticos, seja interno e externo ao texto.

A maior ênfase no estudo de discurso começou na década de 70. Percebe-se que há influência maior em trabalhos que eram voltados a sociolinguística que procurava analisar os sistemas linguísticos abstratos, pensando no efetivo uso da língua como objeto da linguagem. (Brandão, 2003)

A análise de discurso se apresenta em dois principais estudos em análise: linha inglesa e linha francesa um aspecto tratado muito importante é a discussão sobre *as condições de produção enquanto meio de apreensão da relação entre texto e contexto*. Analisando as práticas languageiras, por meio do discurso, podemos pensar e refletir sobre questões sociais, principalmente as relações de desigualdades e relações de poder.

No campo da AD, a noção de Condições de Produção apresenta pelo menos dupla operação: a) anula o lugar onde o agente se insere, e pensa em estimular a produção. b) pensar outros elementos que se inserem na comunicação, texto, pensar as formações imaginárias que designam o lugar que o interlocutores e destinatários atribuem a si mesmos e ao outro. (DEUSDARÁ e ROCHA, 2005, p.46).

Enfim, no caso da AD, a ideia foi ‘abrir mão do “desvendamento “de significados, abandonando-se a ideia de que o texto seria um “esconderijo de sentidos’ ao qual se teria acesso mediante uma atitude interpretativa como fundamento da análise. (DEUSDARÁ e ROCHA, 2006, p. 50.) Diante disso, também se apresentam o deslocamento da *noção de sujeito*, além das discussões sobre a *noção de interdiscurso*.

Em relação à noção de sujeito, não cabe mais, no caso da análise de discurso, o emprego de um sujeito intencional, estratégico, dizendo sempre o que pretende dizer. No caso da noção de interdiscurso, precisamos considerar os efeitos dos dados não linguísticos relativos ao ato de enunciação.

Em relação a fazer uma ciência sob à perspectiva discursiva, os autores dizem que a AD “se caracteriza não só por uma reorientação teórica da relação entre linguístico e extralinguístico, como também por uma mudança de postura do observador em face ao objeto de pesquisa. (DEUSDARÁ e ROCHA, 2006, p.319).

---

Em suma, o que percebemos nas investigações onde se apresenta o diálogo entre o campo das ciências sociais e humanas se inscreve na interlocução com práticas de pesquisa que consideram a concepção de que a linguagem não se dissocia da interação social. Com ênfase no trato do extralinguístico, que é o espaço materializado da relação entre a língua e a sociedade. Nesse sentido, as próximas seções se propõem a percorrer conceitos da área da AD referendadas por Maingueneau.

### **Alguns postulados teóricos de Dominique Maingueneau e sua relação com a pesquisa.**

Nossas discussões se compõem a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise do discurso (AD) e vão compor-se a partir das aproximações que elencamos nas teorias de Dominique Maingueneau (2005). Apresentaremos ao longo dessa seção o quadro teórico formulado por meio das obras desse autor, a fim de contextualizar os conceitos que serão mobilizados para a reflexão sobre o *corpus* da pesquisa<sup>6</sup>. As categorias/noções/conceitos de análises de Maingueneau que trabalharemos referem-se aos aspectos discursivos, a saber: *unidades tópicas; unidades não-tópicas, comunidades discursivas, práticas discursivas e interdiscurso (campo discursivo, universo e espaço discursivo)*.

Nas reflexões da linguagem propostas por esta vertente da AD, que “procede a sua análise visando articular sua enunciação sobre um certo lugar social, não podemos deixar que destacar que dentro do objetivo essencial de estudo do efeito do discurso está a relação da linguagem com elementos extralinguísticos”.(MAINGUENEAU, 2006, p.13) Entendendo que esses elementos são as chamadas condições de produção nas quais tomamos como importantes nesse processo *os falantes (sujeitos enunciadore)s, o ouvinte (sujeito interlocutores), o contexto de comunicação e os contextos sócio-históricos*. Diante desses elementos já podemos lançar mão de noções trabalhadas por Maingueneau. Sobre o conceito de condições de produção, entende-se essa noção como essencial ao campo da análise de discurso porque, não abrange somente o material linguístico, mas também, “considera a dimensão interacional do

---

6 Os *corpora* da pesquisa até o momento são: o formulário de projeto de extensão; relatório de pesquisa; artigos publicados pelos coordenadores dos projetos de extensão, os marcos legais (PNE-2014/2024; Políticas nacionais para a Extensão universitária, editais e resoluções das instituições investigadas).

---

discurso e o caráter construído enquanto dado da situação de comunicação”. (MAINGUENEAU, 2006, p.30)

Formação discursiva pode ser considerada em sua essência como o contexto social e histórico que envolve e se expressa por meio da materialidade discursiva. Baseado no conceito estabelecido por Foucault(2009)

sempre que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2009, p. 43)

Partindo da premissa de Maingueneau que o discurso é uma linguagem em interação vinculada às condições de produção, dessa forma a materialidade linguística é constituinte das *formações discursivas*. Assim depreendemos os significados partir das relações formais da língua e também do lugar que os sujeitos interlocutores ocupam em contextos que não são dados ou estáveis.

A AD apresenta como objeto de estudo o discurso, ou seja, analisa como são seus efeitos entre os interlocutores do enunciado. Maingueneau (2008) designa enunciado como o produto do ato de enunciação. Como o referido autor já indicava, para melhor defini-lo é importante ponderar seu conceito no interior de diversas oposições. Em nosso caso a distinção entre discurso e enunciado seria necessária para nossa investigação. Dessa forma, ao pensarmos discurso na concepção de Maingueneau estaríamos nos remetendo a um certo “modo de apreensão da linguagem”, ou seja “O discurso forma uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas, ou seja, depende de um gênero de discurso determinado(...)”. (MAINGUENEAU, 2006, p.44). Corroboramos com Maingueneau (2008, p. 19) quando assevera que “o discurso não é nem um sistema de “ideias”, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”.

No caso do enunciado podemos considerar como “um olhar lançado sobre um texto, do ponto de vista de sua estruturação na língua, faz dele um enunciador; um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso”. (MAINGUENEAU, 2008, p.44)

Conforme Maingueneau (2005)

---

A AD freqüentemente recorreu à noção althusseriana de “assujeitamento” para designar a identificação de um sujeito a uma formação discursiva (...). Se o discurso pode “assujeitar” é porque, com toda verossimilhança, sua enunciação está ligada de forma crucial a esta possibilidade; a noção de “incorporação” parece ir ao encontro de uma melhor compreensão deste fenômeno. Em compensação, caso nos contentemos em explicar a adesão dos sujeitos através da projeção de estruturas sócio-econômica (pertencer a tal grupo social obriga a acreditar em determinado discurso), manteremos uma relação de exterioridade entre discurso e sociedade.( MAINGUENEAU, 2005, P49)

Para entender os aspectos que trataremos sobre o texto e o discurso, vamos começar com a noção de interdiscurso. Na perspectiva de Maingueneau(2008) interdiscurso precede o discurso, isto é, para organizar uma análise precisamos investigar o espaço de trocas entre diversos discursos acertadamente elegido. Nesse sentido, seria pertinente discutirmos sobre as noções de *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*.

Segundo Maingueneau Apud Possenti (2003)

Por “universo discursivo”, o autor entende o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Este universo discursivo representa necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. É de pouca utilidade para o analista e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de serem estudados, os “campos discursivos”.

Por “campo discursivo”, Maingueneau entende um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.

Pode tratar-se do campo político, filosófico, dramaturgico, gramatical etc. Esse recorte em “campos” não define zonas insulares; é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas. Não se trata de delimitações evidentes Maingueneau propõe isolar espaços discursivos, isto é, subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito. Tais restrições devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir. ( MAINGUENEAU apud POSSENTI, 2003, p.10)

Essas proposições conceituais nos fazem estabelecer uma organização própria para a presente tese. Ao analisarmos os *corpora* da investigação, nossa concepção é de que o interdiscurso nos enunciados dos projetos extensionistas é constituído a partir da

---

relação interpostas entre eles, ou seja, perceber como nas dimensões do campo discursivo educacional e da educação profissional e educação básica para trabalhadores e seus respectivos posicionamentos enunciativos nos espaços discursivos são constituídos por meio dos projetos de extensão universitários.

Em nosso entendimento, o universo discursivo seria a dimensão de onde recortamos nosso corpus de análise. Para diminuir a extensão de discursos, sairemos do campo global do atendimento educacional universal para um conjunto de formações discursivas que se encontram em disputa, delimitando para o atendimento educacional profissionalizante de trabalhadores. No que se refere ao termo “disputa” como sinônimo de *concorrência*, recorrendo aos princípios de Maingueneau (2008, p.34) “concorrência deve ser entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto à aliança, à neutralidade aparente etc.”. Entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.” Então, em nosso contexto de pesquisa estamos envolvidos com a função social da educação em âmbito básico<sup>7</sup> em contrapartida ao âmbito profissionalizante<sup>8</sup> dos trabalhadores em seus atendimentos por meio de projetos de extensão.

Dentro desses campos discursos amplamente constituídos por discursos, a ideia é analisar as constituições de regularidades, seus termos sobre determinados subconjuntos de formações discursivas, que compõem os espaços discursivos. Aqui reconhecer “este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro.” (MAINGUENEAU, 2008, p.35-36).

Nas palavras de Maingueneau (2008)

O espaço discursivo tem então um duplo estatuto: pode-se apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu Outro. É esse último aspecto, o de um processo de dupla tradução, que vai nos interessar essencialmente.(MAINGUENEAU, 2008, p. 40)

---

7 Quando usamos a expressão “básico” nos referimos os níveis de ensino da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e médio, estabelecidos pela LDB 9496

8 Aqui o termo profissionalizante se refere à Educação profissional para os trabalhadores.

---

Por meio do postulado sobre interdiscurso, perceber as regularidades semânticas que estruturam o modo de coesão dos discursos presentes nos projetos de extensão. Aqui devemos passar as descrições sobre as formulações de Maingueneau sobre *noção semântica global e sua subcategoria: sistemas de restrições; e práticas discursivas*.

A noção semântica global se organiza com uma abordagem onde se identifica a existência de uma zona de regularidades em sua formação discursiva, na qual os planos de discursividade estão estabelecidos por meio de um sistema de restrições. Entendo que estes sistemas de restrições semânticas próprias de um discurso. Uma certa formação discursiva pode ser analisada a partir dos elementos que compõe esse sistema restritivo, estabelecendo o que pode ou não ser dito nessa formação discursiva. Por sua vez, o que compõe esse sistema de restrições são as chamadas competências interdiscursivas.

Segundo Maingueneau (2008, p. 35) “uma semântica global o interdiscurso é regido por um sistema de coerções semânticas globais que se manifesta pelo fato de restringir ao mesmo tempo todos os planos discursivos: vocabulário, temas, intertextualidade e instâncias de enunciação”.

No campo discursivo composto por interdiscursos, ou seja, “o *intertexto* de um discurso (conjunto de fragmentos que ele cita efetivamente) de sua *intertextualidade* (isto é, dos tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas)”.(MAINGUENEAU, 2008, p.77). Nesse sentido, os elementos do intertexto e da intextualidade, em conjunto com a análise do tema, vocabulário e modo de coesão, são fundamentais para desvendar os modos e suas articulações nas práticas discursivas.

Tendo descrito alguns dos fundamentos da teoria de Maingueneau em suas obras, ainda que de forma generalizada, proponho trabalhar algumas operacionalidades sobre as Unidades não-tópicas em AD.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que Maingueneau (2006) define formação discursiva (FD) como uma das unidades não-tópicas de análise, definição essa que pode caracterizar as reflexões sobre os *corpora* constituídos para a pesquisa.

Tendo uma pesquisa baseada nessas categorias, acredita-se que se constrói um arcabouço teórico de análise bem próximo aos objetivos de uma investigação de base social que tem a pretensão de investigar fenômenos sociais.

---

## A título de síntese

Ao longo do texto, fomos esboçando um horizonte histórico e teórico, tendo como objetivo percorrer algumas das categorias da Análise de discurso com base em Maingueneau (2008, 1997, 2006, 2001, 2005), pretendia-se empreender uma discussão teórica acerca dos estudos da linguagem e de uma linguística do discurso.

Para iniciar as discussões, foi importante estabelecer alguns parâmetros nos princípios da pesquisa que conduzem a pesquisadora e suas investigações. Nesse item se construiu uma percepção de análise linguística da língua com diálogo com a sociologia, situando o estudo da materialidade linguística apoiados nas reflexões sobre o pano de fundo da perspectiva da interdisciplinaridade e interação. Essa reflexão estabeleceu caminhos importantes que constroem aproximações e limites nos saberes e conhecimentos a serem utilizados como base para possíveis conclusões no campo da linguagem e da educação.

As exposições sobre as questões teóricas de Maingueneau nos levaram a debruçar-nos sobre as contribuições de suas categorias e noções, fazendo com que esses elementos do estudo discursivo se articulando para formular análises de *corpus* e sua materialidade linguística. Mostramos como cada categoria por meio da AD desempenha uma função importante nas análises sobre os fenômenos sociais. Isso tudo pensando da dimensão interdisciplinar que envolve esses estudos.

Por fim, destacamos que os estudos da relação entre o lócus discursivo e a dimensão educacional tratam de recorrer a uma perspectiva cruzada entre diferentes aproximações de campos de conhecimento distintos que têm como objeto de estudo a organização textual e extratextual. Isso reflete bem o somatório de leituras cruzadas em que se insere a composição investigativa da AD e também e a interface com outras áreas de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena. Análise de discurso: um itinerário histórico. Análise do discurso: um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B.C. e ATIK, Maria Luiza G. *Língua, Literatura, Cultura em diálogo*. São Paulo, SP: Ed. Mackenzie. 2003. Disponível em: [http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/analise-do-discurso/textos/analisandoodiscursionagaminebrandao.pdf/at\\_download/file](http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/analise-do-discurso/textos/analisandoodiscursionagaminebrandao.pdf/at_download/file). Acessado em 28 julho 2017.

---

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Análise de conteúdo e análise do discurso linguístico e seu entorno. *DELTA*, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, n.1, p. 29-52, 2006.

\_\_\_\_\_. Análise de Conteúdo e Análise do discurso: aproximações e afastamentos na reconstrução de uma trajetória. *Alea*, Rio de Janeiro, vol.7, no.2, July/Dec. 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FURLANETTO, Maria Marta. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: Meuer, Bonini, Motta-Roth(org) *Gêneros teoria, métodos, debates*. São Paulo, Parábola, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato(orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 43-58.

\_\_\_\_\_. 2006. *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. 181p.2006a

\_\_\_\_\_. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Tradução Márcio Venicio Barbosa e Maria Emilia A. T. Lima. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006(b)

\_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.  
OHUSCHI, Marcia Cristina Greco; AMORIM, Maria do Socorro. *Diagnostico das concepções de linguagem e de gramática nas aulas de Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/79.pdf>. Acessado em 20 de out. 2017.

---

POSSENTI, Sirio. Observações sobre interdiscurso. Revista *Letras*. Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR. Disponível em: [http://www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf\\_revistas/possenti.pdf](http://www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/possenti.pdf). Acessado em 27 de julho 2017.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen;. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? *D.E.L.T.A.*, n 31-1, pp105-141,2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n1/0102-4450-delta-31-01-00105.pdf>. Acesso em 27 jul 2017.

SANTOS, Boaventura Souza. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo,, 2007.

SOARES, Magda. *Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa*. In: , BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Língua Portuguesa, História, perspectivas, Ensino*. São Paulo: Educ, 1998. Disponível em <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/36/22>. Acesso em 27 jul 2017.